UNE ✦ SACRA

Outras Tradições

O Profeta

✦ ✦ ✦

Kahlil Gibran

Tradução (edição 1.1)

Créditos

Autor	Kahlil Gibran
Data	1923
Idioma original	Inglês
Versão	Tradução (edição 1.1)
Tradução	Tradução popular, a partir do original inglês de Kahlil Gibran
Fonte	Wikisource — The Prophet (Gibran), Knopf, 1926
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

O Profeta é um livro de poemas em prosa do escritor e pintor libanês Kahlil Gibran (1883–1931), escrito em inglês e publicado em Nova York em 1923, com doze desenhos do autor.

Tornou-se um dos livros espirituais mais lidos do século XX, traduzido para dezenas de línguas e lido em casamentos e funerais.

Almustafa, "o escolhido e o amado", esperou doze anos na cidade de Orphalese pelo navio que o levaria de volta à ilha onde nasceu.

Quando o navio chega, o povo lhe pede que, antes de partir, fale sobre o que há "entre o nascimento e a morte".

A vidente Almitra pergunta pelo amor; depois um a um — uma mãe, um rico, um lavrador, um juiz, um poeta, um sacerdote — perguntam pelo casamento, os filhos, o dar, o trabalho, a alegria e a tristeza, as leis, a liberdade, a dor, a amizade, o tempo, o bem e o mal, a oração, a beleza, a religião e a morte.

São vinte e seis respostas, entre a chegada do navio e a despedida. O texto é o original inglês de Gibran.

Fonte: https://en.wikisource.org/wiki/The_Prophet_(Gibran)

Esta tradução popular e o desenho deste arquivo são da Une Sacra, sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 (CC BY-NC-SA 4.0): pode copiar e compartilhar citando "Une Sacra (unesacra.com)", sem uso comercial e com a mesma licença. O texto original segue a licença da fonte. Termos de uso: unesacra.com/#/legal/terms

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

1 — A chegada do navio

2 — O amor

3 — O casamento

4 — Os filhos

5 — O dar

6 — O comer e o beber

7 — O trabalho

8 — A alegria e a tristeza

9 — As casas

10 — As roupas

11 — O comprar e o vender

12 — O crime e o castigo

13 — As leis

14 — A liberdade

15 — A razão e a paixão

16 — A dor

17 — O conhecimento de si

18 — O ensino

19 — A amizade

20 — O falar

21 — O tempo

22 — O bem e o mal

23 — A oração

24 — O prazer

25 — A beleza

26 — A religião

27 — A morte

28 — A despedida

I — A CHEGADA DO NAVIO

✦

1 Almustafa, o escolhido e o amado, que foi uma aurora para o seu próprio dia, tinha esperado doze anos na cidade de Orphalese pelo seu navio, que devia voltar e levá-lo de volta à ilha onde nasceu.
E no décimo segundo ano, no sétimo dia de Ielool, o mês da colheita, ele subiu a colina fora dos muros da cidade e olhou para o mar; e viu o navio que vinha com a névoa.
Então as portas do seu coração se escancararam, e a sua alegria voou longe sobre o mar. E ele fechou os olhos e orou nos silêncios da sua alma.

2 Mas, enquanto descia a colina, uma tristeza veio sobre ele, e ele pensou no seu coração:
Como partirei em paz e sem tristeza? Não, não sem uma ferida no espírito deixarei esta cidade.
Longos foram os dias de dor que passei dentro dos seus muros, e longas foram as noites de solidão; e quem pode afastar-se da sua dor e da sua solidão sem pesar?

3 Fragmentos demais do espírito espalhei por estas ruas, e são muitos os filhos do meu anseio que andam nus por estas colinas, e não posso afastar-me deles sem um peso e uma dor.
Não é uma roupa que tiro neste dia, mas uma pele que rasgo com as minhas próprias mãos.
Nem é um pensamento que deixo atrás de mim, mas um coração adoçado pela fome e pela sede.

4 Porém, não posso demorar mais.
O mar que chama todas as coisas para si me chama, e devo embarcar.
Pois ficar, ainda que as horas ardam na noite, é gelar e cristalizar-se e ficar preso num molde.

5 De bom grado levaria comigo tudo o que está aqui. Mas como o farei?
Uma voz não pode levar a língua e os lábios que lhe deram asas. Sozinha deve buscar o éter.
E sozinha e sem o seu ninho a águia voará através do sol.

6 Ora, quando chegou ao pé da colina, voltou-se de novo para o mar e viu o seu navio que se aproximava do porto, e na proa os marinheiros, os homens da sua própria terra.
E a sua alma clamou por eles, e ele disse:
Filhos da minha antiga mãe, vós, cavaleiros das marés,
quantas vezes navegastes nos meus sonhos. E agora vindes no meu despertar, que é o meu sonho mais profundo.

7 Pronto estou para ir, e a minha ânsia, com as velas todas abertas, espera o vento.
Só mais um alento respirarei neste ar parado, só mais um olhar amoroso lançado para trás,
e então estarei entre vós, um navegante entre navegantes.

8 E tu, vasto mar, mãe sem sono,
que és a única paz e liberdade para o rio e o regato,
só mais uma volta fará este regato, só mais um murmúrio nesta clareira,
e então irei a ti, gota sem limites para um oceano sem limites.

9 E, enquanto andava, viu de longe homens e mulheres que deixavam os seus campos e as suas vinhas e se apressavam para as portas da cidade.
E ouviu as suas vozes chamando o seu nome e gritando de campo em campo, contando uns aos outros a chegada do navio.
E disse a si mesmo:
Será o dia da partida o dia da reunião?

10 E dir-se-á que a minha tarde foi na verdade a minha aurora?
E que darei àquele que deixou o arado no meio do sulco, ou àquele que parou a roda do seu lagar?
Tornar-se-á o meu coração uma árvore carregada de frutos, para que eu os colha e lhes dê?

11 E fluirão os meus desejos como uma fonte, para que eu encha as suas taças?
Sou eu uma harpa que a mão do poderoso possa tocar, ou uma flauta por onde passe o seu sopro?
Um buscador de silêncios sou eu, e que tesouro achei nos silêncios que possa distribuir com confiança?

12 Se este é o meu dia de colheita, em que campos semeei a semente, e em que estações esquecidas?
Se esta é de fato a hora em que levanto a minha lanterna, não é a minha chama que nela arderá.
Vazia e escura levantarei a minha lanterna,
e o guardião da noite a encherá de azeite e também a acenderá.

13 Estas coisas ele disse em palavras. Mas muito ficou por dizer no seu coração. Pois ele mesmo não podia falar o seu segredo mais profundo.
E, quando entrou na cidade, todo o povo veio ao seu encontro, e clamavam por ele como a uma só voz.
E os anciãos da cidade se adiantaram e disseram:
Não te vás ainda de nós.

14 Um meio-dia foste no nosso crepúsculo, e a tua juventude nos deu sonhos para sonhar.
Não és estrangeiro entre nós, nem hóspede, mas nosso filho e nosso muito amado.
Não deixes ainda os nossos olhos terem fome do teu rosto.

15 E os sacerdotes e as sacerdotisas lhe disseram:
Não deixes que as ondas do mar nos separem agora, e que os anos que passaste no nosso meio se tornem uma lembrança.
Andaste entre nós como um espírito, e a tua sombra foi uma luz sobre os nossos rostos.

16 Muito te amamos. Mas mudo era o nosso amor, e de véus esteve velado.
Porém, agora ele clama alto por ti e quer ficar revelado diante de ti.
E sempre foi assim: o amor não conhece a sua própria profundidade até a hora da separação.

17 E outros vieram também e lhe suplicaram. Mas ele não lhes respondeu.
Apenas inclinou a cabeça; e os que estavam perto viram lágrimas caindo sobre o seu peito.

E ele e o povo seguiram para a grande praça diante do templo.
E saiu do santuário uma mulher cujo nome era Almitra. E ela era uma vidente.

18 E ele olhou para ela com extrema ternura, pois fora ela a primeira que o buscara e nele acreditara quando ele estava havia só um dia na cidade deles.
E ela o saudou, dizendo:
Profeta de Deus, em busca do extremo, longamente procuraste nas distâncias o teu navio.

19 E agora o teu navio chegou, e tens de partir.
Profundo é o teu anseio pela terra das tuas lembranças e pela morada dos teus desejos maiores; e o nosso amor não quer prender-te, nem as nossas necessidades reter-te.
Porém, isto te pedimos antes que nos deixes: que nos fales e nos dês da tua verdade.

20 E nós a daremos aos nossos filhos, e eles aos filhos deles, e ela não perecerá.
Na tua solidão velaste com os nossos dias, e na tua vigília escutaste o choro e o riso do nosso sono.
Agora, pois, revela-nos a nós mesmos, e dize-nos tudo o que te foi mostrado daquilo que está entre o nascimento e a morte.

21 E ele respondeu:
Povo de Orphalese, de que posso falar senão daquilo que agora mesmo se move dentro das vossas almas?

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

2 — O AMOR

✦

1 Então disse Almitra: Fala-nos do Amor.
E ele levantou a cabeça e olhou para o povo, e caiu sobre eles um silêncio. E com voz forte ele disse:
Quando o amor vos chamar, segui-o,
ainda que os seus caminhos sejam duros e íngremes.

2 E, quando as suas asas vos envolverem, entregai-vos a ele,
ainda que a espada escondida entre as suas penas possa ferir-vos.
E, quando ele vos falar, acreditai nele,
ainda que a sua voz possa despedaçar os vossos sonhos como o vento norte devasta o jardim.

3 Pois, assim como o amor vos coroa, assim vos crucificará. Assim como é para o vosso crescimento, assim é para a vossa poda.
Assim como sobe à vossa altura e acaricia os vossos ramos mais tenros que tremem ao sol,
assim descerá às vossas raízes e as sacudirá no seu apego à terra.

4 Como feixes de trigo ele vos junta a si.
Debulha-vos para vos deixar nus.
Peneira-vos para vos livrar das cascas.

5 Mói-vos até a brancura.
Amassa-vos até ficardes maleáveis;
e então vos entrega ao seu fogo sagrado, para que vos torneis pão sagrado para o banquete sagrado de Deus.

6 Todas estas coisas o amor vos fará, para que conheçais os segredos do vosso coração e, nesse conhecimento, vos torneis um fragmento do coração da Vida.
Mas, se no vosso medo buscardes só a paz do amor e o prazer do amor,
então é melhor para vós que cubrais a vossa nudez e saiais da eira do amor,
para o mundo sem estações, onde rireis, mas não todo o vosso riso, e chorareis, mas não todas as vossas lágrimas.

7 O amor não dá nada senão a si mesmo, e não toma nada senão de si mesmo.
O amor não possui, nem quer ser possuído;
pois o amor basta ao amor.

8 Quando amardes, não deveis dizer: "Deus está no meu coração", mas antes: "Eu estou no coração de Deus."
E não penseis que podeis dirigir o curso do amor, pois o amor, se vos achar dignos, dirige o vosso curso.
O amor não tem outro desejo senão o de se cumprir.

9 Mas, se amardes e tiverdes de ter desejos, sejam estes os vossos desejos:
derreter-vos e ser como um regato que corre e canta a sua melodia para a noite.
Conhecer a dor da ternura demasiada.

10 Ser ferido pela vossa própria compreensão do amor;
e sangrar de boa vontade e com alegria.
Despertar na aurora com um coração alado e dar graças por mais um dia de amor;

11 descansar na hora do meio-dia e meditar no êxtase do amor;
voltar para casa ao entardecer com gratidão;
e então dormir com uma oração pelo amado no coração e um cântico de louvor nos lábios.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

3 — O CASAMENTO

✦

1 Então Almitra falou de novo e disse: E o Casamento, mestre?
E ele respondeu, dizendo:
Nascestes juntos, e juntos estareis para sempre.

2 Estareis juntos quando as asas brancas da morte espalharem os vossos dias.
Sim, estareis juntos até na memória silenciosa de Deus.
Mas que haja espaços na vossa união,
e que os ventos dos céus dancem entre vós.

3 Amai-vos uns aos outros, mas não façais do amor uma prisão:
que ele seja antes um mar que se move entre as praias das vossas almas.
Enchei a taça um do outro, mas não bebais de uma só taça.

4 Dai um ao outro do vosso pão, mas não comais do mesmo pedaço.
Cantai e dançai juntos e sede alegres, mas que cada um de vós esteja só,
assim como as cordas de um alaúde estão sós, embora vibrem com a mesma música.

5 Dai os vossos corações, mas não para que o outro os guarde.
Pois só a mão da Vida pode conter os vossos corações.
E ficai juntos, mas não perto demais um do outro:
pois as colunas do templo ficam afastadas,
e o carvalho e o cipreste não crescem um à sombra do outro.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

4 — OS FILHOS

✦

1 E uma mulher que segurava um bebê contra o peito disse: Fala-nos dos Filhos.
E ele disse:
Os vossos filhos não são vossos filhos.

2 São os filhos e as filhas do anseio da Vida por si mesma.
Vêm através de vós, mas não de vós,
e, embora estejam convosco, não vos pertencem.

3 Podeis dar-lhes o vosso amor, mas não os vossos pensamentos,
pois eles têm os seus próprios pensamentos.
Podeis abrigar os seus corpos, mas não as suas almas,
pois as suas almas moram na casa do amanhã, que não podeis visitar, nem mesmo em sonhos.

4 Podeis esforçar-vos por ser como eles, mas não procureis fazê-los como vós. Pois a vida não anda para trás nem se demora com o ontem.
Vós sois os arcos dos quais os vossos filhos, como flechas vivas, são lançados.
O Arqueiro vê o alvo no caminho do infinito, e vos curva com a sua força para que as suas flechas vão velozes e longe.

5 Que o vosso curvar-vos na mão do Arqueiro seja para alegria;
pois, assim como ele ama a flecha que voa, ama também o arco que é firme.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

5 — O DAR

✦

1 Então disse um homem rico: Fala-nos do Dar.
E ele respondeu:
Dais muito pouco quando dais dos vossos bens.

2 É quando dais de vós mesmos que dais de verdade.
Pois que são os vossos bens senão coisas que guardais e vigiais com medo de precisar delas amanhã?
E o amanhã, que trará o amanhã ao cão prudente demais que enterra ossos na areia sem trilhas enquanto segue os peregrinos para a cidade santa?

3 E que é o medo da necessidade senão a própria necessidade?
Não é o pavor da sede, quando o vosso poço está cheio, a sede que não se pode saciar?
Há os que dão pouco do muito que têm — e dão para serem reconhecidos, e o seu desejo escondido torna as suas dádivas doentias.

4 E há os que têm pouco e o dão todo.
Estes são os que creem na vida e na generosidade da vida, e o seu cofre nunca está vazio.
Há os que dão com alegria, e essa alegria é a sua recompensa.

5 E há os que dão com dor, e essa dor é o seu batismo.
E há os que dão e não conhecem a dor no dar, nem buscam a alegria, nem dão pensando na virtude;
eles dão como, naquele vale além, a murta exala a sua fragrância no espaço.

6 Pelas mãos de tais como estes Deus fala, e por detrás dos seus olhos Ele sorri sobre a terra.
É bom dar quando se pede, mas é melhor dar sem que se peça, por compreensão;
e, para o de mão aberta, a busca de alguém que receba é alegria maior do que dar.

7 E há algo que queirais reter?
Tudo o que tendes será um dia dado;
por isso dai agora, para que a estação do dar seja vossa e não dos vossos herdeiros.

8 Dizeis muitas vezes: "Eu daria, mas só aos que merecem."
As árvores do vosso pomar não dizem assim, nem os rebanhos do vosso pasto.
Eles dão para que possam viver, pois reter é perecer.

9 Certamente aquele que é digno de receber os seus dias e as suas noites é digno de tudo o mais que venha de vós.
E aquele que mereceu beber do oceano da vida merece encher a sua taça no vosso pequeno regato.
E que mérito maior haverá do que o que está na coragem e na confiança, ou melhor, na caridade de receber?

10 E quem sois vós para que os homens rasguem o peito e desvelem o seu orgulho, para que vejais o seu mérito nu e o seu orgulho sem vergonha?
Vede primeiro se vós mesmos mereceis ser doadores e instrumentos do dar.
Pois na verdade é a vida que dá à vida — enquanto vós, que vos julgais doadores, sois apenas testemunhas.

11 E vós que recebeis — e todos sois recebedores — não assumais peso de gratidão, para que não ponhais um jugo sobre vós mesmos e sobre aquele que dá.
Antes, elevai-vos junto com o doador nas suas dádivas como em asas;
pois pensar demais na vossa dívida é duvidar da generosidade daquele que tem por mãe a terra de coração livre, e Deus por pai.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

6 — O COMER E O BEBER

✦

1 Então um velho, dono de uma estalagem, disse: Fala-nos do Comer e do Beber.
E ele disse:
Quem dera pudésseis viver da fragrância da terra e, como uma planta do ar, ser sustentados pela luz.

2 Mas, já que tendes de matar para comer e roubar ao filhote o leite da mãe para matar a vossa sede, que seja então um ato de adoração,
e que a vossa mesa seja um altar no qual o puro e o inocente da floresta e da planície são sacrificados por aquilo que é mais puro e ainda mais inocente no homem.
Quando matardes um animal, dizei-lhe no vosso coração:
"Pelo mesmo poder que te mata, também eu sou morto; e também eu serei consumido.

3 Pois a lei que te entregou na minha mão me entregará numa mão mais poderosa.
O teu sangue e o meu sangue não são senão a seiva que alimenta a árvore do céu."
E, quando esmagardes uma maçã com os dentes, dizei-lhe no vosso coração:
"As tuas sementes viverão no meu corpo,
e os brotos do teu amanhã florescerão no meu coração,
e a tua fragrância será o meu alento,

4 e juntos nos alegraremos por todas as estações."
E no outono, quando colherdes as uvas da vossa vinha para o lagar, dizei no vosso coração:
"Também eu sou uma vinha, e o meu fruto será colhido para o lagar,
e como vinho novo serei guardado em vasos eternos."

5 E no inverno, quando tirardes o vinho, que haja no vosso coração um cântico para cada taça;
e que haja no cântico uma lembrança dos dias de outono, e da vinha, e do lagar.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

7 — O TRABALHO

✦

1 Então um lavrador disse: Fala-nos do Trabalho.
E ele respondeu, dizendo:
Trabalhais para acompanhar o passo da terra e da alma da terra.

2 Pois ser ocioso é tornar-se estranho às estações e sair da procissão da vida, que marcha com majestade e orgulhosa submissão rumo ao infinito.
Quando trabalhais, sois uma flauta por cujo coração o sussurro das horas se transforma em música.
Qual de vós quereria ser um caniço, mudo e silencioso, quando tudo o mais canta junto em uníssono?

3 Sempre vos disseram que o trabalho é uma maldição e o labor uma desgraça.
Mas eu vos digo que, quando trabalhais, cumpris uma parte do sonho mais distante da terra, que vos foi destinada quando esse sonho nasceu,
e, mantendo-vos no labor, estais na verdade amando a vida,
e amar a vida pelo labor é ser íntimo do segredo mais profundo da vida.

4 Mas, se na vossa dor chamais o nascimento de aflição e o sustento da carne de maldição escrita na vossa fronte, então vos respondo que nada senão o suor da vossa fronte lavará o que está escrito.
Também vos disseram que a vida é trevas, e no vosso cansaço repetis o que disseram os cansados.
E eu digo que a vida é de fato trevas, a não ser quando há impulso,

e todo impulso é cego, a não ser quando há conhecimento,
e todo conhecimento é vão, a não ser quando há trabalho,
e todo trabalho é vazio, a não ser quando há amor;

5 e, quando trabalhais com amor, vos ligais a vós mesmos, e uns aos outros, e a Deus.
E que é trabalhar com amor?
É tecer o pano com fios tirados do vosso coração, como se o vosso amado fosse vestir esse pano.

6 É construir uma casa com afeição, como se o vosso amado fosse morar nessa casa.
É semear as sementes com ternura e colher a colheita com alegria, como se o vosso amado fosse comer o fruto.
É carregar todas as coisas que modelais com um sopro do vosso próprio espírito,
e saber que todos os mortos bem-aventurados estão de pé à vossa volta, observando.

7 Muitas vezes vos ouvi dizer, como quem fala dormindo: "Quem trabalha o mármore e acha na pedra a forma da sua própria alma é mais nobre do que quem lavra o solo.
E quem agarra o arco-íris para pô-lo num pano à semelhança do homem é mais do que quem faz as sandálias para os nossos pés."
Mas eu digo, não dormindo, mas na vigília plena do meio-dia, que o vento não fala com mais doçura aos carvalhos gigantes do que à menor de todas as folhas de relva;

8 e só é grande aquele que transforma a voz do vento num cântico tornado mais doce pelo seu próprio amor.
O trabalho é o amor tornado visível.
E, se não podeis trabalhar com amor, mas só com desgosto, é melhor que deixeis o vosso trabalho e vos senteis à porta do templo a receber esmolas dos que trabalham com alegria.

9 Pois, se cozeis o pão com indiferença, cozeis um pão amargo que só sacia metade da fome do homem.
E, se vos ressentis de esmagar as uvas, o vosso ressentimento destila um veneno no vinho.
E, se cantais ainda que como anjos, e não amais o canto, tapais os ouvidos do homem às vozes do dia e às vozes da noite.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

8 — A ALEGRIA E A TRISTEZA

✦

1 Então uma mulher disse: Fala-nos da Alegria e da Tristeza.
E ele respondeu:
A vossa alegria é a vossa tristeza sem máscara.

2 E o mesmo poço de onde sobe o vosso riso esteve muitas vezes cheio das vossas lágrimas.
E como poderia ser de outro modo?
Quanto mais fundo a tristeza escava no vosso ser, mais alegria podeis conter.

3 Não é a taça que contém o vosso vinho a mesma taça que foi queimada no forno do oleiro?
E não é o alaúde que acalma o vosso espírito a mesma madeira que foi escavada com facas?
Quando estiverdes alegres, olhai fundo no vosso coração e achareis que é só aquilo que vos deu tristeza que vos está dando alegria.

4 Quando estiverdes tristes, olhai de novo no vosso coração, e vereis que na verdade chorais por aquilo que foi o vosso deleite.
Alguns de vós dizem: "A alegria é maior que a tristeza", e outros dizem: "Não, a tristeza é a maior."
Mas eu vos digo: elas são inseparáveis.

5 Vêm juntas, e, quando uma se senta sozinha convosco à vossa mesa, lembrai-vos de que a outra está dormindo na vossa cama.
Na verdade, estais suspensos como balanças entre a vossa tristeza e a vossa

alegria.
Só quando estais vazios estais parados e em equilíbrio.

6 Quando o guardião do tesouro vos levanta para pesar o seu ouro e a sua prata, é inevitável que a vossa alegria ou a vossa tristeza suba ou desça.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

9 — AS CASAS

✦

1 Então um pedreiro se adiantou e disse: Fala-nos das Casas.
E ele respondeu e disse:
Construí com as vossas imaginações um caramanchão no deserto antes de construirdes uma casa dentro dos muros da cidade.

2 Pois, assim como tendes os vossos regressos ao lar no vosso crepúsculo, assim os tem o andarilho que há em vós, sempre distante e só.
A vossa casa é o vosso corpo maior.
Ela cresce ao sol e dorme na quietude da noite; e não é sem sonhos. Não sonha a vossa casa? E, sonhando, não deixa a cidade pelo bosque ou pelo alto da colina?

3 Quem dera eu pudesse juntar as vossas casas na minha mão e, como um semeador, espalhá-las pela floresta e pelo prado.
Quem dera os vales fossem as vossas ruas, e os caminhos verdes as vossas vielas, para que vos procurásseis uns aos outros pelas vinhas e viésseis com a fragrância da terra nas vossas roupas.
Mas estas coisas ainda não podem ser.

4 No seu medo, os vossos antepassados vos juntaram perto demais uns dos outros. E esse medo durará ainda um pouco. Ainda um pouco os muros da vossa cidade separarão os vossos lares dos vossos campos.
E dizei-me, povo de Orphalese, que tendes nestas casas? E que é que guardais com portas trancadas?
Tendes a paz, o impulso tranquilo que revela o vosso poder?

5 Tendes lembranças, os arcos cintilantes que ligam os cumes da mente?
Tendes a beleza, que leva o coração das coisas feitas de madeira e pedra à montanha santa?
Dizei-me, tendes estas coisas nas vossas casas?

6 Ou tendes só o conforto, e a cobiça do conforto, essa coisa furtiva que entra na casa como hóspede, e se torna anfitrião, e depois senhor?
Sim, e se torna domador, e com gancho e chicote faz marionetes dos vossos desejos maiores.
Embora as suas mãos sejam de seda, o seu coração é de ferro.

7 Embala-vos no sono só para ficar junto à vossa cama e zombar da dignidade da carne.
Zomba dos vossos sentidos sadios e os deita na penugem do cardo como vasos frágeis.
Na verdade, a cobiça do conforto mata a paixão da alma, e depois caminha sorrindo no funeral.

8 Mas vós, filhos do espaço, vós, inquietos no repouso, não sereis apanhados nem domados.
A vossa casa não será uma âncora, mas um mastro.
Não será uma película brilhante que cobre uma ferida, mas uma pálpebra que guarda o olho.

9 Não dobrareis as asas para poder passar pelas portas, nem curvareis a cabeça para que ela não bata no teto, nem temereis respirar com medo de que as paredes rachem e caiam.

Não morareis em túmulos feitos pelos mortos para os vivos.
E, ainda que de magnificência e esplendor, a vossa casa não guardará o vosso segredo nem abrigará o vosso anseio.

10 Pois aquilo que em vós é sem limites mora na mansão do céu, cuja porta é a névoa da manhã e cujas janelas são os cânticos e os silêncios da noite.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

10 — AS ROUPAS

✦

1 E o tecelão disse: Fala-nos das Roupas.
E ele respondeu:
As vossas roupas escondem muito da vossa beleza, e no entanto não escondem o que não é belo.

2 E, embora busqueis nas vestes a liberdade da intimidade, podeis achar nelas um arreio e uma corrente.
Quem dera pudésseis encontrar o sol e o vento com mais da vossa pele e menos das vossas vestes,
pois o sopro da vida está na luz do sol, e a mão da vida está no vento.

3 Alguns de vós dizem: "Foi o vento norte que teceu as roupas que vestimos."
E eu digo: Sim, foi o vento norte,
mas a vergonha foi o seu tear, e o amolecimento dos nervos foi o seu fio.

4 E, quando o seu trabalho ficou pronto, ele riu na floresta.
Não esqueçais que o pudor é um escudo contra o olhar do impuro.
E, quando o impuro já não existir, que seria o pudor senão um grilhão e uma sujeira da mente?

5 E não esqueçais que a terra se deleita em sentir os vossos pés descalços, e os ventos anseiam por brincar com os vossos cabelos.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

11 — O COMPRAR E O VENDER

✦

1 E um mercador disse: Fala-nos do Comprar e do Vender.
E ele respondeu e disse:
Para vós a terra dá o seu fruto, e não vos faltará nada se souberdes encher as mãos.

2 É na troca dos dons da terra que achareis a abundância e ficareis satisfeitos.
Mas, a menos que a troca seja feita com amor e justiça bondosa, ela só levará uns à cobiça e outros à fome.
Quando na praça do mercado vós, trabalhadores do mar, dos campos e das vinhas, encontrardes os tecelões, os oleiros e os colhedores de especiarias, invocai então o espírito senhor da terra, para que venha ao vosso meio e santifique as balanças e a conta que pesa valor contra valor.

3 E não permitais que tomem parte nas vossas transações os de mãos estéreis, que venderiam as suas palavras pelo vosso trabalho.
A tais homens deveis dizer:
"Vinde conosco ao campo, ou ide com os nossos irmãos ao mar e lançai a vossa rede;

4 pois a terra e o mar serão generosos convosco assim como conosco."
E, se vierem os cantores, os dançarinos e os tocadores de flauta, comprai também dos seus dons.
Pois também eles são colhedores de frutos e de incenso, e o que trazem, embora feito de sonhos, é veste e alimento para a vossa alma.

5 E, antes de deixardes a praça do mercado, vede que ninguém tenha seguido o seu caminho de mãos vazias.
Pois o espírito senhor da terra não dormirá em paz sobre o vento até que as necessidades do menor de vós estejam satisfeitas.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

12 — O CRIME E O CASTIGO

✦

1 Então um dos juízes da cidade se adiantou e disse: Fala-nos do Crime e do Castigo.
E ele respondeu, dizendo:
É quando o vosso espírito sai vagueando sobre o vento
que vós, sozinhos e desprotegidos, cometeis um mal contra os outros e, por conseguinte, contra vós mesmos.

2 E por esse mal cometido tendes de bater e esperar algum tempo, sem que vos atendam, à porta dos bem-aventurados.
Como o oceano é o vosso eu divino;
permanece para sempre imaculado.

3 E, como o éter, só levanta os que têm asas.
Como o próprio sol é o vosso eu divino;
não conhece os caminhos da toupeira nem busca as tocas da serpente.

4 Mas o vosso eu divino não mora sozinho no vosso ser.
Muito em vós ainda é homem, e muito em vós ainda não é homem,
mas um pigmeu sem forma que anda adormecido na névoa à procura do seu próprio despertar.

5 E é do homem em vós que eu quero falar agora.
Pois é ele, e não o vosso eu divino nem o pigmeu na névoa, que conhece o crime e o castigo do crime.
Muitas vezes vos ouvi falar de quem comete um mal como se ele não fosse um de vós, mas um estranho para vós e um intruso no vosso mundo.

6 Mas eu digo que, assim como o santo e o justo não podem subir além do mais alto que há em cada um de vós,
assim o mau e o fraco não podem cair mais baixo que o mais baixo que também há em vós.
E, assim como uma única folha não fica amarela sem o conhecimento silencioso da árvore inteira,
assim o malfeitor não pode fazer o mal sem a vontade escondida de todos vós.

7 Como uma procissão caminhais juntos rumo ao vosso eu divino.
Vós sois o caminho e os caminhantes.
E, quando um de vós cai, cai pelos que vêm atrás dele, como aviso contra a pedra de tropeço.

8 Sim, e cai pelos que vão à frente dele, que, embora mais rápidos e de pé mais firme, não tiraram a pedra de tropeço.
E também isto, ainda que a palavra pese sobre os vossos corações:
o assassinado não está isento de responsabilidade pelo seu próprio assassinato,
e o roubado não está sem culpa por ser roubado.

9 O justo não é inocente dos atos do mau,
e o de mãos brancas não está limpo nas ações do criminoso.
Sim, o culpado é muitas vezes a vítima do ofendido,
e mais vezes ainda o condenado é quem carrega o fardo pelos sem culpa e não acusados.

10 Não podeis separar o justo do injusto e o bom do mau;
pois estão juntos diante da face do sol, assim como o fio preto e o branco são tecidos juntos.
E, quando o fio preto se rompe, o tecelão examinará o pano inteiro, e examinará também o tear.

11 Se algum de vós quiser levar a julgamento a esposa infiel,
que pese também na balança o coração do marido dela e meça a sua alma com medidas.
E que aquele que quiser açoitar o ofensor olhe para o espírito do ofendido.

12 E, se algum de vós quiser castigar em nome da justiça e pôr o machado à árvore má, que olhe para as suas raízes;
e na verdade achará as raízes do bom e do mau, do fecundo e do estéril, todas entrelaçadas no coração silencioso da terra.
E vós, juízes que quereis ser justos,
que sentença pronunciais contra aquele que, honesto na carne, é porém ladrão no espírito?

13 Que pena impondes àquele que mata na carne, mas que é ele mesmo morto no espírito?
E como processais aquele que nas ações é enganador e opressor,
mas que também é ofendido e ultrajado?

14 E como castigareis aqueles cujo remorso já é maior que as suas faltas?
Não é o remorso a justiça que é administrada por aquela mesma lei que de bom grado servis?
Porém, não podeis pôr o remorso sobre o inocente nem tirá-lo do coração do culpado.

15 Sem ser chamado ele virá chamar de noite, para que os homens despertem e olhem para si mesmos.
E vós que quereis entender a justiça, como o fareis, a não ser que olheis todos os atos na plenitude da luz?
Só então sabereis que o ereto e o caído não são senão um só homem de pé no crepúsculo, entre a noite do seu eu-pigmeu e o dia do seu eu divino,
e que a pedra angular do templo não é mais alta que a pedra mais baixa dos seus alicerces.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

13 — AS LEIS

✦

1 Então um advogado disse: Mas e as nossas Leis, mestre?
E ele respondeu:
Deleitai-vos em fazer leis,
mas vos deleitais mais em quebrá-las.

2 Como crianças brincando junto ao oceano, que constroem torres de areia com perseverança e depois as destroem rindo.
Mas, enquanto construís as vossas torres de areia, o oceano traz mais areia para a praia,
e, quando as destruís, o oceano ri convosco.

3 Na verdade, o oceano ri sempre com os inocentes.
Mas e aqueles para quem a vida não é um oceano, e as leis feitas pelos homens não são torres de areia,
mas para quem a vida é uma rocha, e a lei um cinzel com que a querem esculpir à sua própria semelhança?

4 E o aleijado que odeia os dançarinos?
E o boi que ama o seu jugo e julga o alce e o veado da floresta coisas desgarradas e vadias?
E a velha serpente que não pode largar a pele e chama todas as outras de nuas e sem vergonha?

5 E aquele que chega cedo à festa de casamento e, quando farto e cansado, segue o seu caminho dizendo que todas as festas são violação e todos os convivas infratores da lei?

Que direi destes senão que também eles estão à luz do sol, mas de costas para o sol?
Veem só as suas sombras, e as suas sombras são as suas leis.

6 E que é o sol para eles senão um lançador de sombras?
E que é reconhecer as leis senão inclinar-se e traçar as suas sombras sobre a terra?
Mas vós, que andais de frente para o sol, que imagens desenhadas na terra podem prender-vos?

7 Vós que viajais com o vento, que cata-vento dirigirá o vosso curso?
Que lei de homem vos prenderá, se quebrardes o vosso jugo, mas não à porta da prisão de nenhum homem?
Que leis temereis, se dançardes, mas não tropeçardes nas correntes de ferro de nenhum homem?

8 E quem é aquele que vos levará a julgamento, se arrancardes a vossa roupa, mas não a deixardes no caminho de nenhum homem?
Povo de Orphalese, podeis abafar o tambor e afrouxar as cordas da lira, mas quem ordenará à cotovia que não cante?

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

14 — A LIBERDADE

✦

1 E um orador disse: Fala-nos da Liberdade.
E ele respondeu:
À porta da cidade e junto à vossa lareira vos vi prostrar-vos e adorar a vossa própria liberdade,
assim como os escravos se humilham diante de um tirano e o louvam, embora ele os mate.

2 Sim, no bosque do templo e à sombra da cidadela vi os mais livres de vós usar a sua liberdade como um jugo e uma algema.
E o meu coração sangrou dentro de mim; pois só podeis ser livres quando até o desejo de buscar a liberdade se tornar para vós um arreio, e quando deixardes de falar da liberdade como de uma meta e de uma realização.
Sereis livres de verdade quando os vossos dias não forem sem um cuidado, nem as vossas noites sem uma falta e uma dor,
mas antes quando estas coisas cingirem a vossa vida e, porém, vos elevardes acima delas, nus e sem amarras.

3 E como vos elevareis além dos vossos dias e das vossas noites, a não ser que quebreis as correntes que vós, na aurora do vosso entendimento, prendestes à volta da vossa hora do meio-dia?
Na verdade, aquilo que chamais liberdade é a mais forte destas correntes, embora os seus elos brilhem ao sol e ofusquem os olhos.
E que é senão fragmentos do vosso próprio eu que quereis descartar para vos tornardes livres?

4 Se é uma lei injusta que quereis abolir, essa lei foi escrita pela vossa própria mão sobre a vossa própria fronte.
Não podeis apagá-la queimando os vossos livros de leis, nem lavando as frontes dos vossos juízes, ainda que derrameis o mar sobre elas.
E, se é um déspota que quereis destronar, vede primeiro que o seu trono erguido dentro de vós seja destruído.

5 Pois como pode um tirano governar os livres e os orgulhosos, a não ser por uma tirania na sua própria liberdade e uma vergonha no seu próprio orgulho?
E, se é um cuidado que quereis lançar fora, esse cuidado foi escolhido por vós, e não imposto a vós.
E, se é um medo que quereis dissipar, o assento desse medo está no vosso coração, e não na mão do temido.

6 Na verdade, todas as coisas se movem dentro do vosso ser num constante meio abraço: o desejado e o temido, o repugnante e o querido, o perseguido e aquilo de que quereis fugir.
Estas coisas se movem dentro de vós como luzes e sombras em pares que se agarram.
E, quando a sombra se apaga e já não existe, a luz que fica se torna sombra de outra luz.

7 E assim a vossa liberdade, quando perde os seus grilhões, torna-se ela mesma o grilhão de uma liberdade maior.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

15 — A RAZÃO E A PAIXÃO

✦

1 E a sacerdotisa falou de novo e disse: Fala-nos da Razão e da Paixão.
E ele respondeu, dizendo:
A vossa alma é muitas vezes um campo de batalha, no qual a vossa razão e o vosso juízo fazem guerra contra a vossa paixão e o vosso apetite.

2 Quem dera eu pudesse ser o pacificador da vossa alma, para transformar a discórdia e a rivalidade dos vossos elementos em unidade e melodia.
Mas como o farei, a não ser que vós mesmos sejais também os pacificadores, ou melhor, os amantes de todos os vossos elementos?
A vossa razão e a vossa paixão são o leme e as velas da vossa alma navegante.

3 Se as vossas velas ou o vosso leme se quebrarem, só podereis balançar e ir à deriva, ou então ficar parados no meio do mar.
Pois a razão, governando sozinha, é uma força que confina; e a paixão, sem vigilância, é uma chama que arde até a sua própria destruição.
Por isso, que a vossa alma eleve a vossa razão à altura da paixão, para que ela cante;

4 e que dirija a vossa paixão com a razão, para que a vossa paixão viva pela sua própria ressurreição diária e, como a fênix, se levante acima das suas próprias cinzas.
Quero que considereis o vosso juízo e o vosso apetite como consideraríeis dois hóspedes amados na vossa casa.
Certamente não honraríeis um hóspede acima do outro; pois quem dá mais atenção a um perde o amor e a confiança de ambos.

5 Entre as colinas, quando vos sentardes à sombra fresca dos álamos brancos, partilhando a paz e a serenidade dos campos e prados distantes, então que o vosso coração diga em silêncio: "Deus repousa na razão."
E, quando vier a tempestade, e o vento poderoso sacudir a floresta, e o trovão e o relâmpago proclamarem a majestade do céu, então que o vosso coração diga com assombro: "Deus se move na paixão."
E, já que sois um sopro na esfera de Deus e uma folha na floresta de Deus, também vós deveis repousar na razão e mover-vos na paixão.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

16 — A DOR

✦

1 E uma mulher falou, dizendo: Fala-nos da Dor.
E ele disse:
A vossa dor é o quebrar da casca que encerra o vosso entendimento.

2 Assim como o caroço do fruto tem de se quebrar para que o seu coração fique ao sol, assim tendes de conhecer a dor.
E, se pudésseis manter o vosso coração maravilhado diante dos milagres diários da vossa vida, a vossa dor não vos pareceria menos maravilhosa que a vossa alegria;
e aceitaríeis as estações do vosso coração, assim como sempre aceitastes as estações que passam sobre os vossos campos.

3 E velaríeis com serenidade pelos invernos da vossa dor.
Grande parte da vossa dor é escolhida por vós mesmos.
É a poção amarga com que o médico que há em vós cura o vosso eu doente.

4 Por isso, confiai no médico, e bebei o seu remédio em silêncio e tranquilidade:
pois a sua mão, embora pesada e dura, é guiada pela mão terna do Invisível, e a taça que ele traz, embora queime os vossos lábios, foi feita do barro que o Oleiro umedeceu com as suas próprias lágrimas sagradas.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

17 — O CONHECIMENTO DE SI

✦

1 E um homem disse: Fala-nos do Conhecimento de Si.
E ele respondeu, dizendo:
Os vossos corações conhecem em silêncio os segredos dos dias e das noites.

2 Mas os vossos ouvidos têm sede do som do conhecimento do vosso coração.
Quereríeis conhecer em palavras aquilo que sempre conhecestes em pensamento.
Quereríeis tocar com os dedos o corpo nu dos vossos sonhos.

3 E é bom que o queirais.
A fonte escondida da vossa alma tem de subir e correr murmurando para o mar;
e o tesouro das vossas profundezas infinitas seria revelado aos vossos olhos.

4 Mas que não haja balanças para pesar o vosso tesouro desconhecido;
e não procureis as profundezas do vosso conhecimento com vara ou sonda.
Pois o eu é um mar sem limites e sem medida.

5 Não digais: "Achei a verdade", mas antes: "Achei uma verdade."
Não digais: "Achei o caminho da alma." Dizei antes: "Encontrei a alma andando pelo meu caminho."
Pois a alma anda por todos os caminhos.

6 A alma não anda sobre uma linha, nem cresce como um caniço.
A alma se desdobra, como um lótus de pétalas sem conta.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

18 — O ENSINO

✦

1 Então disse um mestre: Fala-nos do Ensino.
E ele disse:
Nenhum homem pode revelar-vos nada senão aquilo que já repousa meio adormecido na aurora do vosso conhecimento.

2 O mestre que anda à sombra do templo, entre os seus seguidores, não dá da sua sabedoria, mas antes da sua fé e do seu amor.
Se ele é de fato sábio, não vos manda entrar na casa da sabedoria, mas antes vos leva ao limiar da vossa própria mente.
O astrônomo pode falar-vos do seu entendimento do espaço, mas não pode dar-vos o seu entendimento.

3 O músico pode cantar-vos o ritmo que há em todo o espaço, mas não pode dar-vos o ouvido que apreende o ritmo nem a voz que o ecoa.
E quem é versado na ciência dos números pode falar das regiões do peso e da medida, mas não pode conduzir-vos até lá.
Pois a visão de um homem não empresta as suas asas a outro homem.

4 E, assim como cada um de vós está só no conhecimento de Deus, assim cada um de vós deve estar só no seu conhecimento de Deus e no seu entendimento da terra.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

19 — A AMIZADE

✦

1 E um jovem disse: Fala-nos da Amizade.
E ele respondeu, dizendo:
O vosso amigo é a resposta às vossas necessidades.

2 Ele é o vosso campo, que semeais com amor e colheis com ação de graças.
E ele é a vossa mesa e a vossa lareira.
Pois ides a ele com a vossa fome e o procurais em busca de paz.

3 Quando o vosso amigo diz o que pensa, não temeis o "não" na vossa própria mente, nem retendes o "sim".
E, quando ele está calado, o vosso coração não deixa de escutar o coração dele;
pois, sem palavras, na amizade, todos os pensamentos, todos os desejos, todas as esperanças nascem e são partilhados, com uma alegria que não se aclama.

4 Quando vos separardes do vosso amigo, não vos aflijais;
pois aquilo que mais amais nele pode ficar mais claro na sua ausência, como a montanha é mais clara para o alpinista quando vista da planície.
E que não haja na amizade outro propósito senão o aprofundamento do espírito.

5 Pois o amor que busca algo além da revelação do seu próprio mistério não é amor, mas uma rede lançada: e só o que não tem proveito é apanhado.
E que o vosso melhor seja para o vosso amigo.

Se ele tiver de conhecer a vazante da vossa maré, que conheça também a sua cheia.

6 Pois que é o vosso amigo, para que o procureis com horas para matar?
Procurai-o sempre com horas para viver.
Pois cabe a ele preencher a vossa necessidade, mas não o vosso vazio.

7 E na doçura da amizade que haja riso e partilha de prazeres.
Pois no orvalho das pequenas coisas o coração acha a sua manhã e se refresca.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

20 — O FALAR

✦

1 E então um erudito disse: Fala do Falar.
E ele respondeu, dizendo:
Falais quando deixais de estar em paz com os vossos pensamentos;

2 e, quando já não podeis morar na solidão do vosso coração, viveis nos vossos lábios, e o som é uma distração e um passatempo.
E em grande parte do vosso falar o pensamento é meio assassinado.
Pois o pensamento é uma ave do espaço, que numa gaiola de palavras pode de fato abrir as asas, mas não pode voar.

3 Há entre vós os que procuram os faladores por medo de estar sós.
O silêncio da solidão revela aos seus olhos o seu eu nu, e eles quereriam fugir.
E há os que falam e, sem conhecimento nem reflexão, revelam uma verdade que eles mesmos não entendem.

4 E há os que têm a verdade dentro de si, mas não a dizem em palavras.
No seio de tais como estes o espírito mora num silêncio ritmado.
Quando encontrardes o vosso amigo à beira da estrada ou na praça do mercado, que o espírito em vós mova os vossos lábios e dirija a vossa língua.

5 Que a voz dentro da vossa voz fale ao ouvido do ouvido dele;
pois a alma dele guardará a verdade do vosso coração como se lembra o sabor do vinho
quando a cor foi esquecida e o vaso já não existe.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

21 — O TEMPO

✦

1 E um astrônomo disse: Mestre, e o Tempo?
E ele respondeu:
Quereríeis medir o tempo, o sem medida e o imensurável.

2 Quereríeis ajustar a vossa conduta e até dirigir o curso do vosso espírito segundo as horas e as estações.
Do tempo quereríeis fazer um rio, em cuja margem vos sentaríeis para ver o seu fluir.
Mas o que há de intemporal em vós sabe da intemporalidade da vida,
e sabe que o ontem não é senão a lembrança de hoje, e o amanhã o sonho de hoje.

3 E que aquilo que canta e contempla em vós ainda mora dentro dos limites daquele primeiro momento que espalhou as estrelas pelo espaço.
Quem de vós não sente que o seu poder de amar é sem limites?
E, no entanto, quem não sente esse mesmo amor, embora sem limites, encerrado no centro do seu ser, e não se movendo de pensamento de amor em pensamento de amor, nem de ato de amor em outros atos de amor?

4 E não é o tempo, assim como o amor, indiviso e sem passos?
Mas, se no vosso pensamento tendes de medir o tempo em estações, que cada estação envolva todas as outras estações,
e que o hoje abrace o passado com lembrança e o futuro com anseio.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

22 — O BEM E O MAL

✦

1 E um dos anciãos da cidade disse: Fala-nos do Bem e do Mal.
E ele respondeu:
Do bem em vós posso falar, mas não do mal.

2 Pois que é o mal senão o bem torturado pela sua própria fome e sede?
Na verdade, quando o bem tem fome, procura alimento até nas cavernas escuras, e, quando tem sede, bebe até das águas mortas.
Sois bons quando sois um convosco mesmos.

3 Porém, quando não sois um convosco mesmos, não sois maus.
Pois uma casa dividida não é um covil de ladrões; é só uma casa dividida.
E um navio sem leme pode vaguear sem rumo entre ilhas perigosas, e contudo não afundar.

4 Sois bons quando vos esforçais por dar de vós mesmos.
Porém, não sois maus quando buscais ganho para vós mesmos.
Pois, quando vos esforçais pelo ganho, sois apenas uma raiz que se agarra à terra e mama do seu seio.

5 Certamente o fruto não pode dizer à raiz: "Sê como eu, madura e cheia e sempre dando da tua abundância."
Pois para o fruto dar é uma necessidade, como receber é uma necessidade para a raiz.
Sois bons quando estais plenamente despertos na vossa fala,
porém não sois maus quando dormis enquanto a vossa língua cambaleia sem propósito.

6 E até a fala que tropeça pode fortalecer uma língua fraca.
Sois bons quando caminhais para a vossa meta com firmeza e passos ousados.
Porém, não sois maus quando ides para lá mancando.

7 Mesmo os que mancam não andam para trás.
Mas vós, que sois fortes e velozes, vede que não manqueis diante do coxo, julgando que é bondade.
Sois bons de inúmeras maneiras, e não sois maus quando não sois bons, sois apenas vadios e preguiçosos.

8 Pena que os veados não possam ensinar a rapidez às tartarugas.
No vosso anseio pelo vosso eu gigante está a vossa bondade: e esse anseio está em todos vós.
Mas em alguns de vós esse anseio é uma torrente que se precipita com força para o mar, levando os segredos das encostas e os cânticos da floresta.

9 E em outros é um regato plano que se perde em ângulos e curvas e se demora antes de chegar à praia.
Mas que aquele que anseia muito não diga àquele que anseia pouco: "Por que és lento e hesitante?"
Pois os verdadeiramente bons não perguntam ao nu: "Onde está a tua roupa?", nem ao sem casa: "Que aconteceu à tua casa?"

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

23 — A ORAÇÃO

✦

1 Então uma sacerdotisa disse: Fala-nos da Oração.
E ele respondeu, dizendo:
Orais na vossa aflição e na vossa necessidade; quem dera orásseis também na plenitude da vossa alegria e nos vossos dias de abundância.

2 Pois que é a oração senão a expansão de vós mesmos no éter vivo?
E, se é para o vosso conforto derramar a vossa escuridão no espaço, é também para o vosso deleite derramar a aurora do vosso coração.
E, se não podeis senão chorar quando a vossa alma vos chama à oração, ela deve esporear-vos de novo e mais uma vez, ainda que chorando, até que venhais rindo.

3 Quando orais, vos elevais para encontrar no ar aqueles que estão orando naquela mesma hora, e a quem só na oração podeis encontrar.
Por isso, que a vossa visita àquele templo invisível não seja senão para o êxtase e a doce comunhão.
Pois, se entrardes no templo sem outro propósito senão pedir, não recebereis;
e, se entrardes nele para vos humilhar, não sereis elevados;
ou mesmo se entrardes nele para suplicar pelo bem dos outros, não sereis ouvidos.

4 Basta que entreis no templo invisível.
Não posso ensinar-vos a orar com palavras.
Deus não escuta as vossas palavras, a não ser quando Ele mesmo as pronun-

cia pelos vossos lábios.

5 E não posso ensinar-vos a oração dos mares, das florestas e das montanhas.
Mas vós, que nascestes das montanhas, das florestas e dos mares, podeis achar a oração deles no vosso coração,
e, se apenas escutardes na quietude da noite, os ouvireis dizendo em silêncio:
"Nosso Deus, que és o nosso eu alado, é a tua vontade em nós que quer.

6 É o teu desejo em nós que deseja.
É o teu impulso em nós que quer transformar as nossas noites, que são tuas, em dias que também são teus.
Não podemos pedir-te nada, pois conheces as nossas necessidades antes que nasçam em nós:
tu és a nossa necessidade; e, dando-nos mais de ti mesmo, nos dás tudo."

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

24 — O PRAZER

✦

1 Então um eremita, que visitava a cidade uma vez por ano, adiantou-se e disse: Fala-nos do Prazer.
E ele respondeu, dizendo:
O prazer é um canto de liberdade,
mas não é a liberdade.

2 É o florescer dos vossos desejos,
mas não é o seu fruto.
É uma profundeza que chama uma altura,
mas não é o fundo nem o alto.

3 É o engaiolado que levanta voo,
mas não é o espaço abrangido.
Sim, na mais pura verdade, o prazer é um canto de liberdade.

4 E de bom grado quereria que o cantásseis com plenitude de coração; mas não quereria que perdêsseis os vossos corações no cantar.
Alguns dos vossos jovens buscam o prazer como se ele fosse tudo, e são julgados e repreendidos.
Eu não os julgaria nem os repreenderia. Quereria que buscassem.

5 Pois acharão o prazer, mas não só ele:
sete são as suas irmãs, e a menor delas é mais bela que o prazer.
Não ouvistes falar do homem que cavava a terra à procura de raízes e achou um tesouro?

6 E alguns dos vossos anciãos se lembram dos prazeres com pesar, como de faltas cometidas na embriaguez.
Mas o pesar é um anuviar da mente, e não o seu castigo.
Deveriam lembrar-se dos seus prazeres com gratidão, como da colheita de um verão.

7 Porém, se os consola arrepender-se, que sejam consolados.
E há entre vós os que não são nem jovens para buscar nem velhos para lembrar;
e, no seu medo de buscar e de lembrar, evitam todos os prazeres, para não descuidar do espírito ou ofendê-lo.

8 Mas até na sua renúncia está o seu prazer.
E assim também eles acham um tesouro, embora cavem à procura de raízes com mãos trêmulas.
Mas dizei-me: quem é que pode ofender o espírito?

9 Ofenderá o rouxinol a quietude da noite, ou o vaga-lume as estrelas?
E pesarão a vossa chama ou o vosso fumo sobre o vento?
Pensais que o espírito é uma poça parada que podeis turvar com uma vara?

10 Muitas vezes, negando-vos o prazer, não fazeis senão guardar o desejo nos recessos do vosso ser.
Quem sabe se aquilo que hoje parece omitido não espera pelo amanhã?
Até o vosso corpo conhece a sua herança e a sua necessidade legítima, e não se deixará enganar.

11 E o vosso corpo é a harpa da vossa alma,
e cabe a vós tirar dele doce música ou sons confusos.
E agora perguntais no vosso coração: "Como distinguiremos o que é bom

no prazer do que não é bom?"

12 Ide aos vossos campos e aos vossos jardins, e aprendereis que é prazer da abelha colher o mel da flor,
mas é também prazer da flor dar o seu mel à abelha.
Pois para a abelha a flor é uma fonte de vida,
e para a flor a abelha é uma mensageira do amor,
e para ambas, abelha e flor, o dar e o receber do prazer são uma necessidade e um êxtase.

13 Povo de Orphalese, sede nos vossos prazeres como as flores e as abelhas.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

25 — A BELEZA

✦

1 E um poeta disse: Fala-nos da Beleza.
E ele respondeu:
Onde buscareis a beleza, e como a achareis, se ela mesma não for o vosso caminho e o vosso guia?

2 E como falareis dela, se ela não for a tecelã da vossa fala?
Os aflitos e os feridos dizem: "A beleza é bondosa e suave.
Como uma jovem mãe meio tímida da sua própria glória, ela anda entre nós."

3 E os apaixonados dizem: "Não, a beleza é uma coisa de força e de pavor.
Como a tempestade, ela sacode a terra debaixo de nós e o céu acima de nós."
Os cansados e os exaustos dizem: "A beleza é feita de sussurros suaves. Ela fala no nosso espírito.

4 A sua voz cede aos nossos silêncios como uma luz fraca que treme com medo da sombra."
Mas os inquietos dizem: "Nós a ouvimos gritar entre as montanhas,
e com os seus gritos veio o som de cascos, e o bater de asas e o rugido de leões."

5 De noite os vigias da cidade dizem: "A beleza nascerá com a aurora, do oriente."
E ao meio-dia os trabalhadores e os viajantes dizem: "Nós a vimos debru-

çada sobre a terra das janelas do poente."
No inverno dizem os presos pela neve: "Ela virá com a primavera, saltando sobre as colinas."

6 E no calor do verão os ceifeiros dizem: "Nós a vimos dançando com as folhas do outono, e vimos um floco de neve nos seus cabelos."
Todas estas coisas dissestes da beleza,
mas na verdade não falastes dela, e sim de necessidades não satisfeitas,
e a beleza não é uma necessidade, mas um êxtase.

7 Não é uma boca sedenta nem uma mão vazia estendida,
mas antes um coração inflamado e uma alma encantada.
Não é a imagem que quereríeis ver nem o cântico que quereríeis ouvir,
mas antes uma imagem que vedes embora fecheis os olhos e um cântico que ouvis embora tapeis os ouvidos.

8 Não é a seiva dentro da casca enrugada, nem uma asa presa a uma garra,
mas antes um jardim sempre em flor e um bando de anjos sempre em voo.
Povo de Orphalese, a beleza é a vida quando a vida desvela o seu rosto santo.

9 Mas vós sois a vida e vós sois o véu.
A beleza é a eternidade contemplando-se num espelho.
Mas vós sois a eternidade e vós sois o espelho.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

26 — A RELIGIÃO

✦

1 E um velho sacerdote disse: Fala-nos da Religião.
E ele disse:
Falei eu neste dia de outra coisa?

2 Não é a religião todos os atos e toda a reflexão,
e aquilo que não é nem ato nem reflexão, mas uma maravilha e uma surpresa que sempre brotam na alma, mesmo enquanto as mãos talham a pedra ou cuidam do tear?
Quem pode separar a sua fé das suas ações, ou a sua crença das suas ocupações?

3 Quem pode estender as suas horas diante de si, dizendo: "Esta para Deus e esta para mim; esta para a minha alma, e esta outra para o meu corpo"?
Todas as vossas horas são asas que batem pelo espaço, de eu a eu.
Quem veste a sua moralidade só como a sua melhor roupa estaria melhor nu.

4 O vento e o sol não farão buracos na sua pele.
E quem define a sua conduta pela ética aprisiona o seu pássaro cantor numa gaiola.
O canto mais livre não passa por grades e arames.

5 E aquele para quem adorar é uma janela, para abrir mas também para fechar, ainda não visitou a casa da sua alma, cujas janelas vão de aurora a aurora.

A vossa vida diária é o vosso templo e a vossa religião.
Sempre que entrardes nele, levai convosco tudo o que sois.

6 Levai o arado e a forja e o malho e o alaúde,
as coisas que fizestes por necessidade ou por deleite.
Pois no devaneio não podeis subir acima das vossas realizações nem cair mais baixo que os vossos fracassos.

7 E levai convosco todos os homens:
pois na adoração não podeis voar mais alto que as esperanças deles nem vos humilhar mais baixo que o seu desespero.
E, se quereis conhecer Deus, não sejais por isso um decifrador de enigmas.

8 Olhai antes à vossa volta, e o vereis brincando com os vossos filhos.
E olhai para o espaço; o vereis andando na nuvem, estendendo os braços no relâmpago e descendo na chuva.
O vereis sorrindo nas flores, e depois levantando-se e acenando com as mãos nas árvores.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

27 — A MORTE

✦

1 Então Almitra falou, dizendo: Queremos perguntar agora sobre a Morte.
E ele disse:
Quereríeis conhecer o segredo da morte.

2 Mas como o achareis, se não o procurardes no coração da vida?
A coruja, cujos olhos presos à noite são cegos para o dia, não pode desvelar o mistério da luz.
Se quereis de fato contemplar o espírito da morte, abri bem o vosso coração ao corpo da vida.

3 Pois a vida e a morte são uma só coisa, assim como o rio e o mar são um só.
Na profundeza das vossas esperanças e desejos está o vosso conhecimento silencioso do além;
e, como sementes que sonham debaixo da neve, o vosso coração sonha com a primavera.

4 Confiai nos sonhos, pois neles está escondida a porta da eternidade.
O vosso medo da morte não é senão o tremor do pastor quando está diante do rei cuja mão vai pousar sobre ele em honra.
Não está o pastor alegre por baixo do seu tremor, por ir levar a marca do rei?

5 Porém, não pensa ele mais no seu tremor?
Pois que é morrer senão ficar nu ao vento e derreter-se no sol?
E que é deixar de respirar senão libertar o alento das suas marés inquietas, para que ele se eleve e se expanda e busque Deus sem estorvos?

6 Só quando beberdes do rio do silêncio cantareis de verdade.

E, quando tiverdes chegado ao cume da montanha, então começareis a subir.

E, quando a terra reclamar os vossos membros, então dançareis de verdade.

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

28 — A DESPEDIDA

✦

1 E agora era o entardecer.
E Almitra, a vidente, disse: Bendito seja este dia e este lugar e o teu espírito que falou.
E ele respondeu: Fui eu quem falou? Não fui também um ouvinte?

2 Então ele desceu os degraus do Templo, e todo o povo o seguiu. E ele chegou ao seu navio e ficou de pé no convés.
E, voltando-se de novo para o povo, levantou a voz e disse:
Povo de Orphalese, o vento me manda deixar-vos.

3 Menos apressado sou eu que o vento, mas tenho de ir.
Nós, andarilhos, sempre buscando o caminho mais solitário, não começamos nenhum dia onde terminamos outro; e nenhum nascer do sol nos acha onde o pôr do sol nos deixou.
Mesmo enquanto a terra dorme, viajamos.

4 Somos as sementes da planta tenaz, e é na nossa maturidade e na plenitude do nosso coração que somos entregues ao vento e espalhados.
Breves foram os meus dias entre vós, e mais breves ainda as palavras que disse.
Mas, se a minha voz se apagar nos vossos ouvidos, e o meu amor desaparecer da vossa memória, então virei de novo,
e com um coração mais rico e lábios mais dóceis ao espírito falarei.

5 Sim, voltarei com a maré,
e, ainda que a morte me esconda e o silêncio maior me envolva, de novo buscarei o vosso entendimento.
E não buscarei em vão.

6 Se algo do que disse é verdade, essa verdade se revelará numa voz mais clara e em palavras mais próximas dos vossos pensamentos.
Vou com o vento, povo de Orphalese, mas não para o vazio;
e, se este dia não foi o cumprimento das vossas necessidades e do meu amor, que seja então uma promessa até outro dia.

7 As necessidades do homem mudam, mas não o seu amor, nem o seu desejo de que o seu amor satisfaça as suas necessidades.
Sabei, pois, que do silêncio maior voltarei.
A névoa que se afasta na aurora, deixando só o orvalho nos campos, há de subir e juntar-se numa nuvem e depois cair em chuva.

8 E não fui diferente da névoa.
Na quietude da noite andei pelas vossas ruas, e o meu espírito entrou nas vossas casas,
e as batidas do vosso coração estavam no meu coração, e o vosso alento estava sobre o meu rosto, e eu vos conheci a todos.

9 Sim, conheci a vossa alegria e a vossa dor, e no vosso sono os vossos sonhos foram os meus sonhos.
E muitas vezes fui entre vós um lago entre as montanhas.
Refleti em vós os cumes e as encostas que se inclinam, e até os rebanhos passageiros dos vossos pensamentos e dos vossos desejos.

10 E ao meu silêncio veio o riso dos vossos filhos em regatos, e o anseio dos vossos jovens em rios.
E, quando chegaram à minha profundeza, os regatos e os rios ainda não deixaram de cantar.
Mas algo mais doce que o riso e maior que o anseio veio a mim.

11 Era o que há sem limites em vós;
o homem vasto do qual todos vós não sois senão células e nervos;
aquele em cujo canto todo o vosso cantar não é senão um pulsar sem som.

12 É no homem vasto que vós sois vastos,
e foi contemplando-o que vos contemplei e vos amei.
Pois que distâncias pode o amor alcançar que não estejam naquela vasta esfera?

13 Que visões, que esperanças e que presunções podem voar acima daquele voo?
Como um carvalho gigante coberto de flores de macieira é o homem vasto em vós.
A sua mente vos liga à terra, a sua fragrância vos eleva ao espaço, e na sua durabilidade sois imortais.

14 Disseram-vos que, como uma corrente, sois tão fracos quanto o vosso elo mais fraco.
Isto é só meia verdade. Sois também tão fortes quanto o vosso elo mais forte.
Medir-vos pelo vosso menor ato é calcular o poder do oceano pela fragilidade da sua espuma.

15 Julgar-vos pelos vossos fracassos é culpar as estações pela sua inconstância.
Sim, sois como um oceano,
e, embora navios encalhados esperem a maré nas vossas praias, porém, como um oceano, não podeis apressar as vossas marés.

16 E sois também como as estações,
e, embora no vosso inverno negueis a vossa primavera,
a primavera, repousando dentro de vós, sorri na sua sonolência e não se ofende.

17 Não penseis que digo estas coisas para que digais um ao outro: "Ele nos louvou bem. Viu só o bem em nós."
Eu só vos falo em palavras daquilo que vós mesmos sabeis em pensamento.
E que é o conhecimento em palavras senão uma sombra do conhecimento sem palavras?

18 Os vossos pensamentos e as minhas palavras são ondas de uma memória selada que guarda os registros dos nossos ontens,
e dos dias antigos, quando a terra não conhecia nem a nós nem a si mesma,
e das noites em que a terra estava revolvida pela confusão.

19 Homens sábios vieram a vós para vos dar da sua sabedoria. Eu vim para tomar da vossa sabedoria:
e eis que achei aquilo que é maior que a sabedoria.
É um espírito de chama em vós, que sempre junta mais de si mesmo,
enquanto vós, sem atentar à sua expansão, lamentais o murchar dos vossos dias.

20 É a vida em busca da vida em corpos que temem o túmulo.
Não há túmulos aqui.
Estas montanhas e planícies são um berço e um degrau.

21 Sempre que passardes pelo campo onde pusestes os vossos antepassados, olhai bem para ele, e vereis a vós mesmos e aos vossos filhos dançando de mãos dadas.
Na verdade, muitas vezes vos alegrais sem saber.
Outros vieram a vós, a quem, por promessas de ouro feitas à vossa fé, destes apenas riquezas e poder e glória.

22 Menos que uma promessa eu dei, e contudo fostes mais generosos comigo.
Destes-me uma sede mais profunda da vida.
Certamente não há dom maior para um homem do que aquele que transforma todos os seus propósitos em lábios ressequidos e toda a vida numa fonte.

23 E nisto estão a minha honra e a minha recompensa:
que, sempre que venho à fonte para beber, acho a própria água viva sedenta;
e ela me bebe enquanto eu a bebo.

24 Alguns de vós me julgaram orgulhoso e tímido demais para receber presentes.
Orgulhoso demais sou de fato para receber salário, mas não presentes.
E, embora eu tenha comido bagas entre as colinas quando quereríeis que me sentasse à vossa mesa,
e dormido no pórtico do templo quando de bom grado me teríeis abri-

gado,
não foi a vossa amorosa atenção aos meus dias e às minhas noites que tornou o alimento doce à minha boca e cingiu o meu sono de visões?

25 Por isto vos abençoo mais:
dais muito e não sabeis que dais.
Na verdade, a bondade que se contempla num espelho se transforma em pedra,
e uma boa ação que se chama a si mesma por nomes ternos se torna mãe de uma maldição.

26 E alguns de vós me chamaram distante e embriagado da minha própria solidão,
e dissestes: "Ele se aconselha com as árvores da floresta, mas não com os homens.
Senta-se sozinho no alto das colinas e olha de cima para a nossa cidade."

27 É verdade que subi as colinas e andei por lugares remotos.
Como poderia ver-vos senão de uma grande altura ou de uma grande distância?
Como pode alguém estar de fato perto, a não ser que esteja longe?

28 E outros entre vós me chamaram, não com palavras, e disseram:
"Estrangeiro, estrangeiro, amante das alturas inalcançáveis, por que moras entre os cumes onde as águias fazem os seus ninhos?
Por que buscas o inatingível?

29 Que tempestades quererias apanhar na tua rede,
e que aves de vapor caças no céu?
Vem e sê um de nós.

30 Desce e aplaca a tua fome com o nosso pão e mata a tua sede com o nosso vinho."
Na solidão das suas almas eles disseram estas coisas;
mas, se a sua solidão fosse mais profunda, teriam sabido que eu buscava só o segredo da vossa alegria e da vossa dor,
e que caçava só os vossos eus maiores, que andam pelo céu.

31 Mas o caçador era também o caçado:
pois muitas das minhas flechas deixaram o meu arco só para buscar o meu próprio peito.
E o que voava era também o que rastejava;

32 pois, quando as minhas asas se abriam ao sol, a sua sombra sobre a terra era uma tartaruga.
E eu, o crente, era também o que duvidava;
pois muitas vezes pus o dedo na minha própria ferida para ter maior fé em vós e maior conhecimento de vós.

33 E é com esta fé e este conhecimento que digo:
não estais encerrados nos vossos corpos, nem confinados a casas ou campos.
Aquilo que vós sois mora acima da montanha e vagueia com o vento.

34 Não é uma coisa que rasteja ao sol em busca de calor ou cava buracos na escuridão em busca de segurança,
mas uma coisa livre, um espírito que envolve a terra e se move no éter.
Se estas são palavras vagas, não procureis esclarecê-las.

35 Vago e nebuloso é o começo de todas as coisas, mas não o seu fim,
e de bom grado quereria que vos lembrásseis de mim como de um começo.
A vida, e tudo o que vive, é concebida na névoa, e não no cristal.

36 E quem sabe se o cristal não é névoa em decadência?
Isto quereria que lembrásseis ao lembrar-vos de mim:
aquilo que parece mais fraco e confuso em vós é o mais forte e o mais decidido.

37 Não é o vosso alento que ergueu e endureceu a estrutura dos vossos ossos?
E não é um sonho, que nenhum de vós se lembra de ter sonhado, que construiu a vossa cidade e modelou tudo o que nela há?
Se pudésseis ver as marés desse alento, deixaríeis de ver tudo o mais,
e, se pudésseis ouvir o sussurro do sonho, não ouviríeis nenhum outro som.

38 Mas não vedes, nem ouvis, e está bem.
O véu que nubla os vossos olhos será levantado pelas mãos que o teceram,
e o barro que enche os vossos ouvidos será furado por aqueles dedos que o amassaram.

39 E vereis,
e ouvireis.
Porém, não lamentareis ter conhecido a cegueira, nem vos arrependereis de ter sido surdos.

40 Pois nesse dia conhecereis os propósitos escondidos em todas as coisas,
e abençoareis a escuridão como abençoaríeis a luz.
Depois de dizer estas coisas, ele olhou à sua volta e viu o piloto do seu navio de pé junto ao leme, olhando ora para as velas cheias, ora para a distância.

41 E disse:
Paciente, paciente demais, é o capitão do meu navio.
O vento sopra, e inquietas estão as velas;

42 até o leme pede direção;
porém, o meu capitão espera tranquilo o meu silêncio.
E estes meus marinheiros, que ouviram o coro do mar maior, também eles me ouviram com paciência.

43 Agora não esperarão mais.
Estou pronto.
O regato chegou ao mar, e mais uma vez a grande mãe aperta o seu filho contra o peito.

44 Adeus, povo de Orphalese.
Este dia terminou.
Ele se fecha sobre nós como o nenúfar sobre o seu próprio amanhã.

45 O que nos foi dado aqui guardaremos,
e, se não bastar, então de novo teremos de nos reunir e juntos estender as mãos para o doador.
Não esqueçais que voltarei a vós.

46 Um pouco, e o meu anseio juntará pó e espuma para outro corpo.
Um pouco, um momento de repouso sobre o vento, e outra mulher me dará à luz.
Adeus a vós e à juventude que passei convosco.

47 Foi só ontem que nos encontramos num sonho.
Cantastes para mim na minha solidão, e eu, dos vossos anseios, construí uma torre no céu.

Mas agora o nosso sono fugiu, e o nosso sonho acabou, e já não é aurora.

48 O meio-dia está sobre nós, e o nosso meio despertar se tornou um dia mais pleno, e temos de nos separar.
Se no crepúsculo da memória nos encontrarmos mais uma vez, falaremos de novo juntos e vós me cantareis um cântico mais profundo.
E, se as nossas mãos se encontrarem em outro sonho, construiremos outra torre no céu.

49 Assim dizendo, ele fez um sinal aos marinheiros, e logo eles levantaram a âncora e soltaram o navio das suas amarras, e seguiram para o oriente.
E um grito veio do povo como de um só coração, e subiu no crepúsculo e foi levado sobre o mar como um grande toque de trombeta.
Só Almitra ficou calada, seguindo com o olhar o navio até que ele desapareceu na névoa.

50 E, quando todo o povo se dispersou, ela ainda ficou sozinha sobre o quebra-mar, lembrando no seu coração as palavras dele:
"Um pouco, um momento de repouso sobre o vento, e outra mulher me dará à luz."

Une Sacra · edição 1.1 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0